

Aquisição das líquidas não-laterais por crianças com desvios fonológicos evolutivos:

descrição, análise e comparação com o desenvolvimento normal

Deisi Vidor*

Por volta dos anos 70 deste século a Lingüística, como ciência, passou a preocupar-se com a aquisição da linguagem com desvios. Ou seja, os estudiosos começaram a voltar sua atenção para o modo como aquelas crianças que desviavam seu comportamento do padrão de aquisição traçado para uma língua adquiriam os subsistemas (fonológico, morfológico, sintático e semântico) que a compunham.

Mais especificamente, a aquisição da fonologia com desvios ganhou destaque tantos em estudos internacionais como os aqui produzidos (em especial na PUCRS) pelo seu lado prático: a aplicação clínica junto à intervenção fonoaudiológica.

Desde o início, a preocupação em classificar e nomear o distúrbio de ordem fonológica, bem como de caracterizar os indivíduos que o possuem é evidente. Não se trata apenas de mudar um rótulo, mas sim de expressar de maneira clara e objetiva, qual a origem do problema daqueles que não conseguem adquirir e/ou organizar os sons de sua língua naquele período de tempo considerado normal (até os 4 anos).

A principal característica das crianças que possuem desvios fonológicos evolutivos é a dificuldade de aprender e organizar sistematicamente os sons de sua língua, mesmo sem possuírem qualquer lesão orgânica relevante à fala (fissura palatina, deficiência mental grave, surdez, etc.). Inicialmente, o termo utilizado para designar esse grupo de crianças era *dislalia*. O termo, no entanto,

* PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

cobria não só as desordens do tipo fonológico, mas qualquer desordem articulatória não-orgânica, o que acabou por levá-la ao desuso. A patologia passou a ser chamada, então, de *desordem articulatória funcional*, o que, apesar de esclarecer sua etiologia não orgânica, privilegiava o problema de articulação de sons. Com o início dos estudos lingüísticos, a natureza fonológica dos desvios se evidencia, ou seja, o distúrbio não é de articulação, mas sim de organização dos sons. Termos como *desordem fonológica* (Panagos, 1974), *desabilidade fonológica* (Ingram, 1976) e *desabilidade fonológica de desenvolvimento* (Grunwell, 1982), passam, então, a designar o que hoje conhecemos por *desvios fonológicos evolutivos* (DFE).

A partir daí, os sistemas fonológicos com desvios apresentados pelas crianças começaram a ser observados não mais como variações individuais e aleatórias de produção, mas sim como padrões recorrentes que poderiam ser descritos com base nas mesmas teorias que explicavam a aquisição normal. No entanto, o caráter incomum e idiossincrático era o que caracterizava o sistema da criança com DFE, ou seja, a ênfase estava nas diferenças entre a aquisição fonológica com desvios e a normal (Compton, 1975/1976; Ingram, 1976; Stoel-Gammon e Dunn, 1985; Lamprecht, 1992).

Com o avanço nos estudos começou-se a questionar se esses dois processos (da aquisição fonológica normal e da com desvios) eram, na verdade, de naturezas fundamentalmente diferentes (Grunwell, 1981; Lamprecht, 1999).

Nesse quadro insere-se este trabalho que, através da comparação entre a aquisição das líquidas não-laterais do português por crianças com desenvolvimento fonológico normal e com desvios fonológicos evolutivos busca subsídios para discutir a natureza do processo de aquisição da fonologia com desvios.

Para tanto, procedeu-se à descrição da aquisição destes segmentos por parte das crianças com DFE integrantes do Banco de Dados DESFONO - A linguagem da criança com desvios fonológicos evolutivos - (num total de 78 informantes), uma vez que não existia trabalho prévio sobre a aquisição destas líquidas por parte deste grupo específico. Os dados coletados (4.729 possibilidades de ocorrência de r-fraco e 886 de r-forte, num total de 5.615 dados) foram submetidos à análise estatística fornecida pelo Pacote VARBRUL. Os resultados obtidos foram então comparados com os de Miranda (1996), que realizou a descrição da aquisição das róticas por crianças com desenvolvimento fonológico normal.

Com base nesta comparação podemos afirmar que as únicas variáveis que diferiam entre os dois grupos tanto para aquisição do r-fraco como a do r-forte eram: *sexo*, *idade* e *tonicidade*.

A influência da variável *sexo* para a produção destes segmentos no grupo de crianças com DFE, enquanto se mostrava neutra para o grupo de crianças com desenvolvimento fonológico normal, pode ser explicada pela maior propensão dos meninos em apresentarem distúrbios de linguagem (Gregory, 1995; Tomblin et al., 1997; Roggia, 1997; Menezes, 1999).

A variável *idade*, obviamente, difere nos dois grupos, uma vez que uma das características do grupo com desvios é ter idade superior a 4 anos, ou seja, além daquela em que a maioria das crianças já está com seu sistema fonológico completo.

Quanto à variável *tonicidade*, os resultados obtidos com a comparação não foram conclusivos no que se refere à interferência deste fator ser diferente em um grupo e em outro.

No que se refere ao ambiente fonético que circunda o "r", isto é, os segmentos que o antecedem e o seguem, não foi-nos possível obter nenhuma generalização que cobrisse o comportamento tanto do r-fraco quanto do r-forte nas duas populações.

Como vemos, até aqui, a *tonicidade* parece ser o único fator que realmente diferencia crianças com desenvolvimento fonológico normal daquelas que apresentam desvios fonológicos evolutivos, uma vez que as demais discrepâncias de comportamento entre um grupo e outro são facilmente explicadas.

As semelhanças, no entanto, são substanciais. Tanto crianças com DFN quanto crianças com DFE utilizam-se dos mesmos processos para superar a dificuldade de produzir os fonemas em estudo, como podemos observar na Tabela 1, sobre o r-forte.

Tabela 1
Produção de r-forte por crianças com DFN
(Miranda, 1996) e por crianças com DFE

	DFN		DFE	
	Apl.	%	Apl.	%
Produção correta	639	76	655	74
Omissão	137	16	143	16
Substituição	66	8	88	10

E mais: quando da aquisição do r-fraco, que pode ocupar mais de um lugar na estrutura silábica, os processos são escolhidos de acordo com a posição do /r/. Quando em onset simples há mais casos de substituição do que de omissão, enquanto que nas posições de onset complexo e coda o fonema é mais omitido do que substituído. Esse é um comportamento válido para os dois grupos, como podemos observar na tabela. Quando substituído, tanto o r-fraco quanto o r-forte o foram por segmentos que pertenciam a sua mesma classe natural, ou seja, com características muito próximas deles. No caso do grupo de crianças com DFE ocorreram substituições não encontradas no grupo de crianças com DFN, mas em pequeno número e restritas a casos isolados.

Tabela 2
Substituições de r-fraco por crianças com DFN
(Miranda, 1996) e com DFE

Substituições	DFN	DFE
Líquida lateral [l]	578/4708	451/4729
Semivogal [y]	128/4708	126/4729
Semivogal [w]	23/4708	8/4729
Líquida não-lateral [R]	-	46/4729
Consoante plosiva	-	21/4729
Consoante nasal	-	7/4729
Consoante fricativa	-	6/4729

Tabela 3
Substituições de r-forte por crianças com DFN
(Miranda, 1996) e com DFE

Substituições	DFN	DFE
Líquida lateral [l]	29/842	32/886
Consoante plosiva	20/842	4/886
Semivogal [y]	11/842	17/886
Semivogal [w]	6/842	2/886
Líquida não-lateral [r]	-	30/886
Consoante fricativa	-	3/886

Esses poucos casos de substituições incomuns encontrados no grupo de crianças com DFE levam-nos a refletir sobre o que hoje chamamos desvios fonológicos evolutivos. Cada vez mais os estudos sobre a aquisição da língua por este grupo específico tendem a privilegiar as semelhanças em detrimento das diferenças com o

processo aquisitivo normal. No entanto, como ressalta Lamprecht (1999), não podemos falar em identidade entre os dois processos. Concordamos com Mota (1996) quando diz que não seria o caso de abandonar esta terminologia, mas sim restringi-la aqueles casos em que o sistema da criança realmente desvie do esperado.

Talvez fosse o caso de separar aquilo que hoje classificamos como desvios fonológicos evolutivos como de acordo com a proposta de Ingram (1976): ao lado das crianças que apresentam apenas um atraso no seu desenvolvimento fonológico normal (por ter começado a falar muito tarde, por exemplo), encontramos dois tipos de sistemas com desvios – um pelo uso de processos normais (ou seja, encontrados na fala de crianças mais novas) muito além da idade em que deveriam estar suprimidos e outro pelo uso de processos incomuns, ou seja, não encontrados durante a aquisição normal.

Referências bibliográficas

- COMPTON, A. Generative studies of children's phonological disorders: clinical ramifications. In: MOREHEAD, D.; MOREHEAD, A. (eds.). *Normal and deficient child language*. Baltimore: University Park Press, 1976. p. 61-96.
- GREGORY, Hugo H. *Distúrbios da fluência*. Porto Alegre, ASFA (Associação Riograndense de Fonoaudiologia), 14 e 15/10/1995. I Curso Internacional da ASFA. Conferência.
- GRUNWELL, Pamela. *The nature of phonological disability in children*. London: Academic Press, 1981.
- . *Clinical Phonology*. London, Croon Helm, 1982.
- INGRAM, D. *Phonological disability in children: studies in disorders of communication*. 2 ed. London: Whurr Publishers, 1976.
- LAMPRECHT, Regina Ritter. A aquisição fonológica normal e com desvios fonológicos evolutivos: aspectos quanto à natureza da diferença. *Letras de Hoje*. v. 30, n 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez./95. p. 117-125.
- . Desvios fonológicos: evolução nas pesquisas, conhecimento atual e implicações dos estudos para a Fonoologia Clínica. In: ——. (org.) *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. *A consciência fonológica na realização fala/escrita em crianças com DFE*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, 1999.
- MEZZOMO, Carolina Lisboa. *Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, 1999.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão do seu status fonológico*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

MOTA, Helena Boli. *Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

PANAGOS, J. M. Persistence of the open syllable reinterpreted as a symptom of language disorder. *Journal of Speech and Hearing Disorders*. n. 39, 1974. p.23-31.

ROGGIA, Simone Mariotto. *Um estudo sobre processamento auditivo em crianças portadoras de desvios fonológicos evolutivos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 1997.

STOEL-GAMMON, C. & DUNN, C. *Normal and disordered phonology in children*. Baltimore: University Park Press, 1985.

TOMBLIN, J. et al. Prevalence of specific language impairment in kindergarten children. *Journal of speech, language and hearing research*, v. 40, p. 1245-1260, 1997.